



Espacialidades

Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



NOTÍCIAS DE INCÊNDIOS NOS JORNais POTIGUAres: ascensão e queda da Seção de Bombeiros do Rio Grande do Norte (1917-1949).

NEWS OF FIRE IN POTIGUAres NEWSPAPERS: rise and fall of the Rio
Grande do Norte Fire Department (1917-1949).

Flademir Gonçalves Dantas¹

RESUMO:

O presente texto se desenvolveu no campo da História Urbana, tendo caráter documental e bibliográfico, analisou o papel dos jornais, em especial, os periódicos potiguares na veiculação de notícias sobre incêndios no Rio Grande do Norte, discutindo, a partir destas fontes, as movimentações políticas e sociais para criação em Natal, da Seção de Bombeiros em 1917 - sua atuação no espaço urbano da capital potiguar, durante os anos de 1920, e, posteriormente, o seu declínio nos primeiros anos da década de 1930, bem como as reiteradas matérias jornalísticas sobre os constantes incêndios que a capital potiguar sofria, sem que houvesse um serviço de extinção de incêndios organizado na década de 1940.

Palavras-chave: História Urbana – Corpo de Bombeiros Militar – Incêndios – Rio Grande do Norte.

ABSTRACT:

This text was developed in the field of Urban History, having a documentary and bibliographic character, analyzing the role of newspapers, in particular, periodicals from Rio Grande do Norte, in broadcasting news about fires in Rio Grande do Norte, discussing, from these sources, the movements political and social issues for the creation of the Fire Department in Natal in 1917 - its performance in the urban space of the capital of Rio Grande do Norte, during the 1920s, and, subsequently, its decline in the first years of the 1930s, as well as the repeated matters journalistic reports about the constant fires that the capital of Rio Grande do Sul suffered, without there being an organized fire extinguishing service in the 1940s.

¹ Bacharel e Licenciado em História (UFRN); Mestre em História (UFRN) e Doutorando em História (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5374598505434859>. E-mail: flademird@gmail.com.



Keywords: Urban History – Military Fire Department – Fires – Rio Grande do Norte.

1. INTRODUÇÃO

A partir de uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico o presente texto objetivou analisar o papel dos jornais potiguares na veiculação de notícias sobre incêndios no Rio Grande do Norte, discutindo, a partir destas fontes, as movimentações políticas e sociais para criação em Natal, da Seção de Bombeiros em 1917 - instituição militar estruturada anexa ao Esquadrão de Cavalaria - sua atuação no espaço urbano durante os anos de 1920 e, posteriormente, o seu declínio nos primeiros anos da década de 1930, bem como as reiteradas matérias jornalísticas sobre os constantes incêndios que a capital potiguar sofria, sem que houvesse um serviço de extinção de incêndios organizado na década de 1940.

Portanto, trazemos a tona a história do Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Norte, instituição militar contemporânea em terras brasileiras, focando no caráter da organização militar no parâmetro em que atua diretamente em problemas sociais e estruturais da cidade, como incêndios, enchentes, desabamentos, e outros, que afetaram diretamente o cotidiano dos municípios, principalmente, em uma cidade com características singulares, como Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Interessa-nos, também, as discussões sobre o uso dos jornais enquanto fonte de pesquisa histórica, mas também como um meio de comunicação voltado para a captação das massas ou de segmentos ao menos significativos da população, possuindo de certa maneira, a capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público.

Mas dentre os assuntos mais publicados relacionados ao Corpo de Bombeiros, os indesejáveis, mas presentes incêndios, desabamentos e desastres que o espaço urbano potiguar sofreu ao longo de sua trajetória histórica eram garantia de matérias e reportagens nos jornais.

2 FOGO NAS PÁGINAS DOS JORNais: RELATOS DE INCÊNDIO NA DÉCADA DE 1920

O serviço de extinção de incêndios na capital potiguar foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1919 (DANTAS, 2021, p. 42), ainda que a lei de criação tenha sido publicada em 29 de novembro de 1917. Foram necessários esforços para aquisição no Rio de Janeiro, dos equipamentos e ferramentas em 1918 para estruturação da embrionária Seção de Bombeiros:

O director do gabinete do ministerio da Fazenda communicou ao sr. presidente do Lloyd Brasileiro que o sr. ministro, attendendo ao que solicitou, em telegramma de 2 do corrente, o governador do Estado do Rio Grande do Norte, resolveu, por despacho da mesma data, conceder o transporte gratuito, do porto desta capital ao de Natal, com a maxima brevidade, para o material necessário á instalação do Corpo de Bombeiros na referida cidade e enviado pelo ministerio da Justiça e Negocios Interiores. (CORREIO DA MANHÃ. Material para o Corpo de Bombeiros de Natal. 28 de setembro de 1918, p. 3).

Após a chegada do material imprescindível para instalação da Seção de Bombeiros, se fazia necessário um local adequado e que proporcionasse uma resposta rápida no atendimento das ocorrências. O local escolhido para instalação da Seção de Bombeiros foi o principal e mais importante bairro da cidade, o comercial e movimentado bairro da Ribeira, mais precisamente na Rua Almino Affonso, atualmente Rua Ferreira Chaves. (DANTAS, 2021, p. 46)

Devidamente instalado, a Seção de Bombeiros foi notícia na imprensa jornalística. Um incêndio ocorrido na madrugada do dia 6 de dezembro de 1922, na Livraria Raymundo Dourado, qdestruiu quase que totalmente seu depósito de papel, com prejuízos estimados em 600 contos, eis uma parte da matéria:

Os bombeiros acudiram ao primeiro signal de alarma, sendo auxiliados pelos tripulantes do paquete “Alegrete”, conseguindo, não obstante, isolara o prédio, com grande difficultade.

O sinistro ocorreu no bairro da Ribeira, á rua Dr. Barata, onde está localizado o commercio desta capital.

Apezar dos esforços dos bombeiros, os predios adjacentes ao incendiado ficaram damnificados, mormente o de residencia do Sr. agente do Lloyd Brasileiro, cujo oitão desabou em parte. (A NOITE. UM GRANDE INCÊNDIO EM NATAL. 7 dez. 1922, p. 4).

Ainda que raros, os incêndios durante a década de 1920 atormentavam a cidade, gerando muitos problemas e criando um clima de medo, principalmente aos comerciantes. Outro pavoroso desastre que ganhou matéria de capa ocorreu em 1924. Um incidente que assolou o Bairro da Ribeira, mais precisamente na Rua Dr. Barata.

Passava do meio dia, quando um “estalido secco e agudo” de algo se quebrando, rasgou no ar, dentro de poucos segundos o teto de um sobrado veio ao chão, desabando com espantoso ruído, chegando a atingir o assoalho da Livraria Cosmopolita e parte sobre o teto da casa contígua que estava em construção, pertencente aos Senhores Gurgel Luckff, ficando a rua completamente “juncada de pedaços de caliça, madeiras, telhas, etc”. (A REPÚBLICA, 6 mar. de 1924, p.1).

Aqui um trecho da reportagem publicada no jornal *A República* destacando que “a secção de bombeiros agiu com toda promptidão e pericia, impedindo que o desastre se avolumasse” (A REPÚBLICA, 6 mar. 1924, p. 1). O desastre ganhou as ruas da cidade, em poucos minutos a população em polvorosa se reunia ao redor do local sinistrado, acompanhando atentamente os desenlaces do resgate, tanto que até o governador José Augusto compareceu pessoalmente à Rua Dr. Barata para acompanhar com seus próprios olhos o trabalho das autoridades policiais.

A notícia ganhou as páginas de alguns periódicos, como o paraibano *O Jornal*, que publicou nota com o seguinte título: *Um desastre em Natal*, registrando “um lamentavel desastre alli ocorrido no dia 5 do corrente, com o desabamento inesperado do sobrado onde era installada a Livraria Cosmopolita” (*O JORNAL*, 11 de março de 1924, p. 6), bem como no *Jornal do Recife*, em sua edição de 6 de março de 1924, do qual destacamos:

Acaba de occorrer neste momento em que telegrapho (treze horas e 15ms.) um grande desastre: desabou devido ás chuvas hybernaes, o predio situado á rua dr Barata, onde se achava installada a “Livraria Cosmopolita”.

[...]

Os prejuizos são totaes. Diversos são os feridos e os mortos; entre estes está o jovem Ignacio Guerra. Consta que varias pessoas se acham soterradas nos escombros dos predios desabados. Reina geral consternação entre a sociedade potyguarense por essa tristissima occurrence. (*JORNAL DO RECIFE*, 6 mar. 1924, p. 3)

Dois anos depois, o reduzido efetivo do Corpo de Bombeiros que ao longo do ano de 1926 recebeu apenas cinco civis alistados precisou contar com o apoio da



Polícia, Exército, Armada da Marinha e populares para juntos conterem um impetuoso incêndio no prédio da fábrica de tecidos de algodão da firma Harton Pedrosa, ocorrido no dia 15 de dezembro de 1926:

Um violento incêndio destruiu ante-hontem o predio em que se acha instalada a fabrica de tecidos de algodão da firma Harton Pedrosa. O fogo foi notado ás 22 horas, prolongando-se até a madrugada apesar do intenso trabalho desenvolvido pelos bombeiros e soldados da policia, do exercito, armada e muitos populares. (O PAIZ, RIO GRANDE DO NORTE, 17 dez. 1926, p. 5).

O jornal *Crítica* do Rio de Janeiro, em sua edição de 16 de outubro de 1929, noticiou um incêndio na capital potiguar: Irrompeu, hoje, de manhã, violento incêndio no deposito de algodão da firma Lafayette Lucena & C. Os prejuizos são calculados em quatrocentos contos. (CRÍTICA, 16 out. 1929, p. 2).

Se os dois incêndios apresentados anteriormente, o primeiro na Livraria Raymundo Dourado em 1922, e, o segundo na fábrica de tecidos de algodão da firma Harton Pedrosa em 1926, contaram com a participação ativa do Corpo de Bombeiros, o incêndio no depósito de algodão da firma Lafayette Lucena & C. não há qualquer menção a participação dos homens do fogo no incidente.

3 A DÉCADA DE 1930 E A CIDADE EM CHAMAS

Apesar do vagaroso crescimento da cidade, a legislação em torno da prevenção à incêndios, bem como o Corpo de Bombeiros permaneceu olvidado por longos anos, ainda que ocorressem periodicamente incêndios, como o noticiado pelo *Jornal do Commercio* em 1931:

Um grande incêndio destruiu a casa commercial de Olympio Tavares & Companhia, situada á rua Dr. Barata. Do prédio só ficaram de pé as paredes, sendo tudo o mais devorado pelo fogo. Os prejuízos são calculados em quinhentos contos. (JORNAL DO COMMERCIO. 21 mai. 1931, p. 3).

Como visto, não há qualquer menção ao Corpo de Bombeiros. O jornal *A República* corrobora com a tese levantada acima, em sua primeira página, o periódico destacou no título da matéria: “Grande incendio - A casa commercial dos srs. Olympio Tavares e Cia, foi totalmente devorada pelas chamas” e segue descrevendo detalhadamente o desastre:



Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



Natal despertou hontem sob a apavorante impressão de um grande incendio que se verificou na casa commercial Olympio Tavares e Cia, desta praça, no bairro da Ribeira, à rua Dr. Barata.

O alarme foi dado ás 5 horas da manha pelos vizinhos da referida casa commercial.

Ao toque dos sinos e trilos da Guarda Noturna, affluiram ao local diversas pessoas, que auxiliadas pelos inferiores do 29 B. C. não hesitaram em se lançar contra o fogo em socorro ás casas das adjacencias.

Mais tarde, chegava ao local e polícia, estabelecendo-se desde logo, cordões de isolamento e severa vigilancia. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1).

Acorreu ao local a Guarda Noturna, assim como militares do 29º Batalhão de Caçadores e da Polícia, exceto os soldados do fogo, que já não estavam mais em funcionamento, conforme apontamos anteriormente. A matéria do jornal é categórica ao relatar os órgãos envolvidos no desenlace do incêndio, apontando também que

Grande número de populares se agglomerava em frente ao prédio sinistrado. Ás 9 horas o fogo estava extinto, cuja acção devoradora foi annulada pelos socorros vindos por intermedio das mangueiras da S. A. Wharton Pedrosa. As casas vizinhas sofreram ligeiros danos e não se registrou prejuizo nas mercadorias devido a terem sido atiradas a rua durante a violencia das chamas. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1).

O jornal ainda apurou as possíveis causas do incêndio:

Attribui-se o incendio a perversidade de gatunos, que tendo conseguido escalar a casa pelos fundos, depois de lograrem o fito desejado, sahiram pelo quintal vizinho, ateando fogo ás fazendas para não deixarem vestígios de crime. (A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1).

A realidade da cidade no tocante aos incêndios não se modificava. Em 1932, um incêndio irrompeu no prédio da firma Pedono & Irmãos, conforme relatado no *Jornal do Brasil* datado de 3 de setembro de 1932:

OS PREJUIZOS CAUSADOS POR UM INCENDIO.

Os prejuizos consequentes do incendio ultimamente verificado no predio situado á rua Marechal Andréa, 425 nesta cidade, e de propriedade da firma Pedono & Irmãos, são vultuosos, estando porém, o referido prédio, assim como moveis, utensilios etc., segurados em tres companhias num total de 400:000\$000.

No predio sinistrado funcionavam as instalações do beneficiamento de arroz de propriedade daquella firma. (JORNAL DO BRASIL, 3 set. 1932, p. 14).

Nenhuma menção aos Soldados do Fogo. Eles já não existiam ou estavam completamente desmobilizados. Os incêndios continuavam a destruir prédios comerciais da cidade, principalmente os localizados no bairro da Ribeira. Ainda na capital do Estado, no bairro da Ribeira, o mais respeitável da cidade até então, foi palco de mais um incêndio, em outubro de 1936, desta vez, as impiedosas chamas

consumiram o depósito de óleo, graxas e creolinhas pertencentes à firma M. Martins & Cia, situado na Rua 15 de Novembro (antiga Rua do Triunfo).

Era por volta das 12h40 quando o incêndio se iniciou, dado o alarme, acorreram ao local

Elementos da Inspectoría de Polícia, que foram avisados pelo inspector Julio Costa.

Foram dadas as primeiras providencias para a extincção do incendio e isolamento dos prédios vizinhos, onde se achavam numerosos tambores de óleo.

O inspector-fiscal José Rodolpho sofreu queimaduras de 3º grau.

Muito eficiente foi também a secção da **Delegacia de Ordem Social, dos empregados da firma e de populares**.

Os prejuizos foram pequenos, atingindo apenas alguns tambores, mas o prédio ficou bastante damnificado.

Mercece encomios a prontidão com que a **policia improvisou os meios de limitar os efeitos do sinistro**. (A ORDEM, 8 out. 1936, p. 1) Grifos nossos.

Eis uma matéria que aponta categoricamente como o serviço de extinção de incêndios estava completamente desmobilizado em 1936, uma vez que ao local do sinistro compareceram agentes da Inspectoría de Polícia, Delegacia de Ordem Social, policiais, empregados da firma e populares, menos o Corpo de Bombeiros, pois este, ao menos pelo que nos parece, já não estava mais em funcionamento. Destaque-se também, como a ausência do Corpo de Bombeiros foi suprimida pelo improviso e pronto atendimento por parte das autoridades e pessoas envolvidas em debelar as chamas.

No ano seguinte, em 1937, novo incêndio, uma vez mais, ausência do Corpo de Bombeiros. O jornal *A Ordem* publicou matéria relatando a ocorrência de um incêndio que atingiu a Padaria Central:

Sabbado ultimo, depois da meia noite, verificou-se serio incendio na Padaria “Central”, sita á rua 13 de Maio, esquina com a João Pessoa. O fogo subiu do forno para o telhado, ameaçando passar para os prédios vizinhos.

Elementos da Delegacia de Ordem Social, da Inspectoría e da Cavalaria, sob a direcção do official da ronda tte. Germano, agiram efficazmente para dominar o incendio.

O trabalho durou cerca de 3 horas. O sr. José Marques foi ferido na testa, recebendo o cabo João Firmino queimaduras no braço. (A ORDEM, 7 set. 1937, p. 4).

Um novo sinistro põe em xeque a segurança e a tranquilidade da cidade que vive a sua própria sorte, sem um serviço de extinção de incêndios organizado. Em novembro de 1939, cinco casas de palhas, situadas na Rua Ceará Mirim, no Tirol, ardem em chamas. De acordo com a reportagem realizada pelo jornal *A Ordem*, o que teria



provocado o incêndio foi uma faísca de um dos casebres, propagando-se pelas residências vizinhas, que ficaram reduzidas a cinzas, mas sem deixar vítimas, ainda que os seus moradores tenham ficado sem abrigo e alimentos. (A ORDEM, 28 nov. 1939, p. 4).

4 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A SEÇÃO CONTRA INCÊNDIOS DA BASE AÉREA DE PARNAMIRIM

Os incêndios eram esporádicos, mas demonstravam preocupação para sociedade, em especial, aos proprietários de comércios e indústrias. Numa tentativa de reativar o serviço de extinção de incêndios na capital, o presidente da Associação Comercial do Rio Grande do Norte, Manoel Gurgel do Amaral, que fora eleito para o período de 1939-1952, enviou ao presidente da República, Getúlio Vargas, um telegrama solicitando a instalação em Natal de uma seção de Bombeiros para servir à cidade, conforme apontado por Veríssimo de Melo:

SECÇÃO DE BOMBEIROS EM NATAL

A 30 de março de 1942, o presidente anunciou em sessão da diretoria que passara telegrama ao Presidente da República solicitando a instalação em Natal de uma secção de bombeiros para servir à cidade. (MELO, 1992, p. 60)

Ainda assim, mais uma ocorrência de incêndio é registrada. A cidade continuava sem um Corpo de Bombeiros. As pessoas que estavam presentes na *Escola Profissional do Alecrim* viveram momentos de aflição e pânico na manhã do dia 25 de maio de 1943, quando a sala destinada ao curso de marcenaria foi tomada pelas chamas, tendo chegado até a sala das máquinas, provocando inclusive a queda do teto. Os jornais *A Ordem* (26 de maio de 1943, p. 4) e o carioca *Diário de Notícias* relataram o ocorrido, do qual extraímos a matéria do último periódico:

RIO GRANDE DO NORTE. INCENDIO. NATAL, 27 (Asapress)

Manifestou-se um violento incendio nas oficinas da marcenaria da Escola Profissional do Alecrim. O sinistro tomou proporções ameaçadoras, fazendo perigar todo o prédio. O fogo foi extinto graças à intervenção de diversas pessoas, que acorreram ao local imediatamente. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), 28 mai. 1943, p. 5)

Sem um serviço organizado de extinção de incêndios, devido primordialmente à desativação do Corpo de Bombeiros, desde ao menos os primeiros anos da década de



1930, só restava o improviso e solidariedade das autoridades responsáveis pela segurança pública e populares mais solícitos para conter os perigos do fogo.

A participação de Natal na Segunda Grande Guerra, considerado por muitos autores como um marco divisor na história da capital potiguar, “transformando uma pacata cidade provinciana num ponto de convergência mundial” é assunto debatido por muitos pesquisadores e historiadores. Muito se escreveu sobre esse período, mas há um hiato interessante e que precisa ser devidamente estudado no que diz respeito ao importantíssimo serviço de extinção de incêndios na capital potiguar. O coronel aviador, Fernando Hippólyto nos fala da importância da Seção Contra Incêndios da Base Aérea, mais precisamente no ponto 169 do seu livro, *História da Base Aérea de Natal*²:

Na época em que a cidade de Natal não possuía Corpo de Bombeiros, muitas vezes os carros de contra-incêndio da Base deslocavam-se à cidade, a fim de auxiliarem o combate ao fogo, juntamente com as viaturas da Base Naval, que também eram acionadas para essa finalidade. (COSTA, 1980, p. 186)

Há de se destacar que a incipiente Seção de Bombeiros criada pela Lei nº 424, de 29 de novembro de 1917, pelo então governador Joaquim Ferreira Chaves foi sendo paulatinamente abandonada durante os anos finais da década de 1920 e primeiros anos da década de 1930, seja pela ausência de investimentos governamentais, deterioração dos equipamentos adquiridos em 1918, sistema de abastecimento d’água precário da cidade de Natal, morte em maio de 1930 do seu primeiro comandante, João Fernandes de Almeida, popularmente conhecimento como Joca do Pará e extinção do Esquadrão de Cavalaria em 1931, berço de nascimento da Seção de Bombeiros (DANTAS, 2021).

Assim, durante boa parte da década de 1930 até a chegada dos americanos em terras potiguares, o Rio Grande do Norte não dispunha de um serviço de extinção de incêndios efetivamente organizado. Somente com a participação efetiva dos americanos na construção da Base Naval do Natal em 1941, no Refoles, Bairro do Alecrim, onde já funcionava a Escola de Aprendizes Marinheiros, e da Base Aérea em 1942, no então Distrito de Parnamirim, uma nova fase se inicia para o serviço de extinção de incêndios na capital potiguar.

² Com o intuito de preservar a *cor local* do período em que os documentos foram produzidos, mantivemos em todo o trabalho a grafia original dos textos-fontes.



Os incidentes envolvendo o fogo, ocorridos entre 1942, ano da instalação da Base Aérea de Parnamirim até agosto de 1946, eram princípios ou pequenos incêndios, que foram de certa maneira contornados com muito improviso, empenho das autoridades locais e auxílio de populares mais solícitos. (DANTAS, 2023).

Todavia, um incêndio ocorrido no dia 4 de agosto de 1946, provocou uma verdadeira guinada no serviço de extinção de incêndios no Rio Grande do Norte e colocou definitivamente o Corpo de Bombeiros da Base Aérea de Parnamirim na História potiguar. Era um domingo de inverno na capital potiguar, fazia sol, a cidade estava acordando, quando por volta das 6 horas, um pavoroso incêndio tomou conta de duas lojas situadas na Rua Frei Miguelinho, antiga 13 de Maio, continuação da Rua Dr. Barata, que concentrava boa parte do comércio do bairro da Ribeira, contando também com os bancos da cidade: Casa Bancária Norte-rio-grandense, Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e Cooperativa Banco Auxiliar do Comércio Ltda, estes últimos inaugurados somente em 1953.

A notícia do colérico incêndio rapidamente ganhou as ruas da cidade, pessoas acorriam de diversas partes para se deleitarem com as chamas e algumas outras para ajudarem como podiam. O fogo rapidamente consumiu as casas comerciais *Filha de Natal* e *Casa Ceará*, que ficaram completamente destruídas, tamanha foi à violência do incêndio, que as paredes das lojas ficaram fendidas em diversas partes.

O fogo que teve início por volta das 6 horas da manhã, só pôde contar com a presença dos bombeiros da Base Norte Americana de Parnamirim já próximo das 11 horas, ou seja, quase cinco horas após o início do incêndio. Uma vez no local, os bombeiros utilizaram extintores de incêndios, finalizando os trabalhos que haviam sido iniciados pela Polícia, soldados da Força Policial, do Exército e alguns populares.

Dois pontos da longa matéria merecem especial atenção, o primeiro, a manchete estampada na primeira página no jornal *A Ordem*, onde constava que Natal teria um Corpo de Bombeiros, o segundo, as declarações do Chefe de Polícia sobre esse ponto.

Questionado pela reportagem do jornal *A Ordem*, sobre a ausência de um Corpo de Bombeiros em Natal, o Chefe de Polícia, Manoel Varela, não titubeou, respondendo que o Governo do Estado já havia encomendado “dois modernos carros de bombeiros”:



Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



Como era natural, o povo indagava porque a nossa capital não possuia um corpo de bombeiros, tão necessário numa cidade como a de Natal, que dia a dia tem o seu progresso aumentado.

O nosso reporter fazendo identica pergunta ao dr. Manoel Varela, Chefe de Polícia, este nos informou que o nosso governo já encomendou dois modernos carros de bombeiros, que muito em breve aqui chegarão, formando-se então o Corpo de Bombeiros de Natal. (A ORDEM, 5 ago. 1946, p. 1)

Ainda que sem um Corpo de Bombeiros na capital do Estado, o incêndio quase que milagrosamente não se alastrou, graças à pronta ação das autoridades policiais e alguns populares, que não permitiram que as labaredas de fogo se propagassem para os prédios vizinhos, uma vez que as chamas poderiam ter consumido o quarteirão inteiro, onde se achavam instalados depósitos de redes, cigarros, alfaiatarias, bem como da oficina que editava o periódico *O Diário*, as lojas *Brasileiras 4.400* (que quatro anos depois veio a ser consumida pelas chamas) entre outras edificações.

O sinistro ganhou repercussão nacional, vários jornais registraram em suas páginas o incidente, que ficou conhecido como o “Pavoroso incêndio em Natal”. O periódico carioca *O Jornal*, de 8 de agosto de 1946 assim noticiou o acontecido:

A Polícia continua investigando as causas do pavoroso incêndio que destruiu dois estabelecimentos comerciais nesta capital. O sinistro causou prejuízos de mais de um milhão de cruzeiros. Já foram ouvidos os proprietários dos estabelecimentos incendiados e populares que acorreram ao local e prestaram auxílio às chamas. (O JORNAL, 8 ago. 1946, p. 6).

O Diário de Pernambuco destacou a ação dos Bombeiros da Base Americana de Parnamirim:

Pavoroso Incendio em Natal

Natal, 5 (Meridional) – Pavoroso incendio devorou, na manhã de ontem, dois edifícios comerciais localizados na parte baixa da capital. O sinistro só foi dominado após a chegada dos bombeiros da base americana de Parnamirim, que se utilizaram de extintores dos carros de tanque. (Diário de Pernambuco, 6 ago. 1946, p.1)

O Correio da Manhã (6 ago. 1946, p. 2) também trouxe a notícia do pavoroso incêndio, assim como o *Diário de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro, destacando-se nas páginas do último, que o incêndio só foi controlado graças à ação dos bombeiros da cidade, que foram auxiliados pelos contingentes da Base de Parnamirim: “O sinistro não assumiu maiores proporções, **graças a ação dos bombeiros da cidade, que foram**



Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



auxiliados pelos contingentes da Base Parnamirim.” (Diário de Notícias (RJ) 6 ago. 1946, p. 7)

A eficiência do Corpo de Bombeiros da Base Aérea é evidenciada por Clyde Smith Junior (1992) afirmando que:

Uma das melhores unidades no Campo de Parnamirim em relação à eficiência era o Corpo de Bombeiros da Marinha [que atuava em conjunto com a Seção Contra Incêndios da Base Aérea]. Eles estavam acostumados, por exemplo, a acordar às 2:00 h da madrugada para ajudar na aterrissagem de uma aeronave cujo piloto estivesse exausto devido à guerra e, portanto, correndo o risco de espatifar-se no Campo. Todavia, sua pressa para prevenir um incêndio frequentemente levava algum dos bombeiros a se acidentar pelo caminho. (SMITH JUNIOR, 1992, p. 183)

Enquanto isso, a capital potiguar não dispunha de um Corpo de Bombeiros desde a primeira metade da década de 1930, razão pela qual o Jornal *Diário de Notícias* cometeu um equívoco ao afirmar que o sinistro não teria assumido maiores proporções, “graças a ação dos bombeiros da cidade, que foram auxiliados pelos contingentes da Base Parnamirim”.

Ora, os vários incêndios apresentados na obra *A cidade em chamas: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955)* (2021), bem como a existência de incêndios durante os primeiros anos da década de 1940, sem a efetiva presença do Corpo de Bombeiros para sua extinção, revelam indubitavelmente que a cidade de Natal não possuía um Corpo de Bombeiros em funcionamento, tanto que em 1942, o presidente da Associação Comercial do Rio Grande do Norte, Manoel Gurgel do Amaral, havia enviado ao presidente da República, Getúlio Vargas, um telegrama solicitando a instalação em Natal de uma seção de Bombeiros para servir à cidade.

Uma despretensiosa nota publicada no jornal *Diário de Natal* de sete de junho de 1948, sob o título *Fogos e Foguetes*, alertava sobre as comemorações do período junino e o “Dia de São João”. Era prática comum na época, como ainda o é, estourar foguetes, bombas, busca-pés e pistolas, divertindo alguns e incomodando tantos outros.

A nota prossegue, até que num dado momento o autor dispara:

Não temos em Natal um Corpo de Bombeiros. Tudo a calhar. Até chegar o extintor de incêndio de Parnamirim, teremos um belo espetáculo. Poderão então divertir-se a valer os festejos. (DIÁRIO DE NATAL, 7 jun. 1948, p. 2)
Grifos nossos.

Como se pode deduzir, o autor, contrário ao uso dos fogos de artifício, buscou orientar os leitores sobre medidas de segurança quando da utilização dos fogos de artifício, devendo ser feito longe de pessoas, residências e prédios comerciais ou com outras finalidades, bem como distante de fios de eletricidade, evitando assim, eventuais princípios de incêndios. Na parte final da nota, o autor reafirma o que já apontamos em outras oportunidades, a capital potiguar não dispunha de um Corpo de Bombeiros, ficando o serviço de extinção de incêndios a cargo do Corpo de Bombeiros de Parnamirim.

O vereador João Mota tomou a palavra dizendo que votava favoravelmente, acrescentando que, com isto, “não deixava de reconhecer os bons serviços prestados pelos bombeiros de Parnamirim”. (DIÁRIO DE NATAL, 20 abr. 1949, p. 6). O líder pessedista, Martinho Machado, disse que estranhava a falta de um Corpo de Bombeiros em Natal, reconhecendo a impossibilidade do Governo para realizar a referida despesa, por total falta de recursos. Numa fala de comunhão, pediu a cooperação de todos os vereadores para que a partir daquela data, “iniciassem campanhas pela impressa e, se preciso fosse, levantando a massa [população] para assim conseguir organizar uma Secção de Bombeiros que tanto está a reclamar a nossa cidade”. (DIÁRIO DE NATAL, 20 abr. 1949, p. 6).

Sandoval Vanderlei acrescentou que as despesas não seriam tão elevadas em vista da possibilidade de ser criada a Seção de Bombeiros na própria Polícia Militar, aproveitando-se dos militares daquela corporação, tal como acontece em outros Estados da federação. A Indicação foi aprovada por unanimidade.

A Ata da Primeira Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Natal, registrada no dia 18 de abril de 1949, fez constar a indicação do vereador Antônio Felix da Silva: “solicitando os bons ofícios do sr. Prefeito, no sentido de ser criada em nossa Capital uma seção de extinção de incêndio, subordinada ao Departamento de Segurança Pública.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 18 abr. 1949, s.p.).

Na Sessão do dia seguinte, 19 de abril de 1949, fora discutido a indicação do vereador Antônio Felix, que solicitava a criação de um serviço de extinção de incêndios na capital. Registrados o relatado na Ata:



Em discussão a indicação do vereador Antônio Felix, solicitando criação de um Grupo de Extinção de Fogo. O autor justifica. O vereador João Mota discute a matéria favoravelmente, de modo geral. Reconhece acertada a indicação e declara que está pronto a votar a favor, porém não como está redigida, prevendo apenas um arranjo, mas se for requerida a criação de um Corpo de Bombeiros. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 19 abr. 1949, s.p.)

Imperioso destacar a fala do vereador João Mota durante a Sessão, reconhecendo os inestimáveis serviços prestados pelo Corpo de Bombeiros da Base Aérea de Parnamirim ao povo natalense: “enquanto isso não acontecer [criação de um Corpo de Bombeiros em Natal], devemos dar graças a Deus pelos serviços que o Grupo de Extinção de Fogo de Parnamirim.” (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 19 abr. 1949, s.p.) Ao final das discussões, a indicação para criação de Seção de Bombeiros é aprovada.

No terceiro dia de discussões, destaca-se a fala do vereador João Mota, que apresentou uma emenda na Ata do dia anterior, declarando que

O governo do Estado vem pagando as dívidas contraídas pelos seus antecessores (com uma única exceção) desde 1938, o que já está perto de liquidar. Por este motivo o Estado no momento atual não está em condições de criar um Corpo de Bombeiros. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 20 abr. 1949, s.p.)

Essa iniciativa não logrou o êxito almejado, a capital ainda amargaria muitas tristezas, insegurança e medo diante dos perigos do fogo, e necessitando por mais alguns anos dos “bons serviços prestados pelos bombeiros de Parnamirim”.

Alguns meses se passaram após a iniciativa da Câmara Municipal de Natal para criar um Corpo de Bombeiros ou até mesmo, uma Seção de Bombeiros vinculada a Polícia Militar, e, novamente os Bombeiros de Parnamirim, ainda que tenham se deslocado o mais rapidamente possível, ao chegarem ao local sinistrado, pouco ou quase nada puderam fazer.

Após os incidentes narrados durante o ano, uma nota publicada no jornal *Diário de Natal* de 21 de outubro de 1949 sob o título “A CIDADE”, sugeria à Câmara Municipal de Natal a instalação de uma Guarda Noturna. Na argumentação, o autor não identificado, dispara:

Precisamos, de uma vez por todas, passar a considerar esta cidade um aglomerado humano de quasi 100.000 pessoas e portanto, com todos os foros



de uma cidade que já não é tão pequena. (DIÁRIO DE NATAL, 21 out. 1949, p. 6).

Mais à frente, pontua que “seria também [urgente] a criação do corpo de bombeiros com pessoal habilitado e as instalações técnicas indispensáveis”. A carência do serviço de extinção de incêndios era cada vez mais notória, a cidade crescia e sua população também, mas esse crescimento não era acompanhado pelos serviços necessários a garantia da segurança e combate à incêndios que uma urbe em pleno desenvolvimento exigiam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacado ao longo do texto, a situação da Seção de Bombeiros em seus primeiros anos de existência era extremamente precária e limitada. Isso se devia ao fato de que os incêndios eram raros e os bombeiros se viam obrigados a realizar rondas policiais urbanas, uma atividade completamente distante da prevenção e combate a incêndios.

A Seção de Bombeiros estruturada com equipamentos e ferramentas advindas da capital federal, Rio de Janeiro, enfrentou algumas ocorrências de grande vulto ao longo da década de 1920, destacando-se o incêndio na Livraria Raymundo Dourado, em dezembro de 1922, o desabamento na Rua Doutor Barata, em março de 1924 e o impiedoso incêndio na fábrica de tecidos de algodão da firma Harton Pedrosa, em dezembro de 1926.

Durante a década de 1930, a Seção de Bombeiros entrou em declínio, sendo praticamente absorvida pelo Esquadrão de Cavalaria, lutando contra suas deficiências e a falta de recursos materiais e humanos. Além disso, havia pouco investimento governamental na compra e manutenção de equipamentos e ferramentas, e o sistema de abastecimento de água da cidade era insuficiente para acompanhar seu crescimento. Esses fatores contribuíram para a decadência do serviço de extinção de incêndios em Natal. A morte do prestigioso chefe da Seção de Bombeiros, em maio de 1930, também levou consigo parte da história e influência da instituição.

O Esquadrão de Cavalaria, criado em 1913, recebeu a Seção de Bombeiros em 1919, quando foi inaugurado. No entanto, o final dos anos 20 e os primeiros anos da

década de 1930 marcaram o desaparecimento gradual da Seção de Bombeiros, devido à falta de investimento do governo, falta de efetivo, desgaste dos equipamentos e materiais, ausência de grandes incêndios e decretos governamentais que não previam a presença do Corpo de Bombeiros nas forças policiais.

A década de 1930 ficou marcada pela ausência da Seção de Bombeiros, assim como pelo fato de a cidade ficar à mercê de sua própria sorte. Os jornais, ano a ano, noticiavam matérias envolvendo o fogo, como no grande incêndio que destruiu a casa comercial de Olympio Tavares e Companhia, em março de 1931, outro ocorrido na firma de Pedono e Irmãos, em setembro de 1932, no mesmo sentido, as inclemtes chamas destruíram o depósito de óleo, graxas e creolinhas pertencentes à firma M. Martins e Companhia, em outubro de 1936. Já em setembro de 1937, um incêndio movimentou o centro da cidade, o fogo destruiu a Padaria Central. No final da década de 1930, um incêndio consumiu cinco casas de palhas, em novembro de 1939.

A década de 1940 foi marcada por vários incêndios que exigiram muito esforço da população e das forças de segurança. Nesse período, houve algumas iniciativas para a instalação do Corpo de Bombeiros em Natal, mas a cidade continuou sem esse serviço. A população e os empresários ansiavam pela instalação do Corpo de Bombeiros, mas foram necessários muitos anos para que a instituição fosse definitivamente estruturada, devido aos custos financeiros, operacionais e humanos envolvidos.

BIBLIOGRAFIA:

- COSTA, Fernando Hippólyto da. **História da Base Aérea de Natal**. Natal: Editora Universitária, 1980.
- COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição comunista de 1935**. Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- DANTAS, Flademir. **A Cidade em Chamas**: o serviço de extinção de incêndios em Natal/RN (1917-1955). Natal: RN Editora, 2021.
- _____. **Guerreiros da Paz**: a Seção Contra Incêndios da Base Aérea de Parnamirim/RN (1942-1976). Natal: RN Editora, 2023.
- _____. **Ressurgindo das Cinzas**: o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (1955-1976).
- LUCA, T. R. D. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Veríssimo de. **Centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte: 1892 – 1992.** Natal: Clima, 1992.

SMITH JUNIOR, Clyde. **Trampolim Para a Vitória.** Natal: UFRN Editora Universitária, 1992

SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal.** 2^a ed. ver. Atual. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

SOUZA, Vitor Leandro de. **Soldados do fogo:** uma História Social do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, nas décadas de 1880 - 1910. 2021. 361f. Tese doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2021.

Fontes:

ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, 18, 19 e 20 abr. 1949, s.p.

A NOITE, 7 dez. 1922, p. 4.

A ORDEM, 1935 a 1947.

A REPÚBLICA, 6 mar. 1924, p.1.

A REPÚBLICA, 20 mai. 1931, p. 1.

CRÍTICA, 16 out. 1929, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ, 28 set. 1918, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ, 6 ago. 1946, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL, 7 jun. 1948, p. 2.

DIÁRIO DE NATAL, 20 abr. 1949, p. 6.

DIÁRIO DE NATAL, 21 out. 1949, p. 6.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - RJ, 28 mai. 1943, p. 5.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – RJ, 6 ago. 1946, p. 7.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 6 ago. 1946, p. 1.

JORNAL DO BRASIL, 3 set. 1932, p. 14.

JORNAL DO COMMERCIO. 21 mai. 1931, p. 3.

JORNAL DO RECIFE, 6 mar. 1924, p. 3.

O JORNAL - RJ, 11 de mar. 1924, p. 6.

O JORNAL - RJ, 8 ago. 1946. p. 6.

O PAIZ, 17 dez. 1926, p. 5.